

# *A dona não está. Sirva-se*



(Condensado de «Guideposts»)

*Por Dorothea e Jerome Beatty*

**B**EM NO ALTO de um morro, perto de Roxbury, no Estado de Connecticut, existe à beira da estrada uma vendinha que mais parece uma casinha de brinquedo. Não se vê nenhum caixeiro, mas num quadro negro lê-se o seguinte, escrito a giz: «Sirva-se. ABERTO.»

O freguês que vai até lá de carro encontra indicado o preço dos ovos, legumes, frutas e flôres. Um jarro serve de caixa registradora. Geralmente a proprietária não está. Ela leva a mercadoria pela manhã e, à tardinha, recolhe a fêria. Durante o dia, trabalha no seu sítio, que fica bem longe, ao pé da montanha, cuidando da casa, da horta e das galinhas.

Nos três verões que Hannie Dickinson manteve a sua venda, ninguém pagou a menos nem levou coisa alguma sem pagar. Êsse recorde de integridade levantou o moral da comunidade. Quando os amigos lhe disseram que ela seria lesada,

---

*Um recorde de honestidade que levantou o moral de uma povoação*

---

Hannie Dickinson declarou com firmeza:

—Tolice! Se mostrarmos às criaturas que confiamos nelas, elas não nos desapontarão.

A pequena vendinha branca transformou-se num monumento à confiança no próximo.

A esperança de Hannie, que aos poucos se vai tornando realidade, é ganhar o suficiente para construir uma casa nova. Há quatro anos a casa dos Dickinsons, que não estava convenientemente segurada, pegou fogo e ficou reduzida a cinzas. Hannie já não era muito jovem—ela já é avó. Então, ela e o marido, John, construíram uma pequena casa, à volta de um galpão de ferramentas que escapara ao incêndio. John, que é leiteiro e um homem muito trabalhador, achava que êles nunca mais

estariam em condições de ter outra casa, mas Hannie declarou que ela própria ganharia o suficiente para isso.

—Alguma coisa me diz, afirmava ela aos amigos, que um dia o meu sonho se realizará. E desde já estão todos convidados para a festa de inauguração da casa.

Para conseguir dinheiro, Hannie decidiu vender produtos agrícolas. Mas como?

No alto de um morro, o terreno dos Dickinsons ia até a beira de uma estrada bastante movimentada. Nesse local teve início o pequeno negócio, quando, certa manhã, Hannie levou para ali, numa carroça, uma antiquada prateleira para plantas e caixas de ovos e de morangos. Quando ela voltou, à tarde, a mercadoria tinha desaparecido e o seu jarro continha a importância certa.

Na primavera passada, alguns carpinteiros, ajudados por Hannie, construíram para ela uma casinha de 3x3,60 m. Nas imediações ela plantou 50 árvores frutíferas de diversas espécies, cujas frutas ajudarão a pagar a casa.

Os habitantes de Roxbury comentam a fé e a esperança de Hannie. Gente que ela nunca viu manda-lhe fregueses e devolve cuidadosamente as caixas de ovos e os cestos de frutas e legumes. Fregueses habituais viajam quilômetros para escrever num bloco as suas encomendas, que vão buscar no dia seguinte.

E por meio desses bilhetes formam-se amizades entre os fregueses e a negociante, que nenhum deles encontra.

Numa prateleira da loja vêm-se, às vezes, embrulhos com notas assim: «Sra. Davis. Ervilhas, \$0,60. Fiquei contente com a notícia de que sua filha melhorou.» Ou então, ramalhetes de flôres com outro bilhete: «Flôres da Sra. Parker, \$2,00. Desejo que faça um dia bem bonito para a sua festa.»

Certa vez, Hannie colocou num vaso, numa prateleira da lojinha, mais de doze trevos de quatro fôlhas que havia achado, com a seguinte nota: «Quero compartilhar a minha sorte com os meus fregueses. Tire um.» Uma senhora comentou mais tarde:

—Eu andava muito desanimada quando tirei um dos trevos, mas de repente pensei: «Se Hannie Dickinson, com tôdas as suas dificuldades, acha que ainda tem sorte, por que hei de apoquentar-me com ninharias?»

O êxito da vendinha de Hannie tem sido útil para Roxbury. A princípio, predizia-se que aquela fé inabalável nos seus semelhantes estava fadada ao fracasso. Mas a fé foi contagiosa. Neste mundo conturbado e cheio de suspeitas, a inquebrantável integridade dos fregueses de uma venda constitui, ela própria, um sermão. Os habitantes de Roxbury parecem andar de cabeça mais erguida.

